

*NÃO CITAR
em elaborado*

10º COLE: O PERFIL DO LEITOR BRASILEIRO E A ESCOLA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

PALESTRA: "ASPECTOS IDEOLÓGICOS DA LEITURA: AVALIAÇÃO NO DISCURSO"

*José Horta Nunes
Labeurb-Nudecri/Unicamp*

1. Aspectos Ideológicos da Leitura

2. O aspecto jurídico: avaliação da leitura

A avaliação no discurso do leitor

Esta reflexão se desenvolveu a partir de indagações como as seguintes: O que é avaliar uma leitura? Em que medida se pode afirmar que um texto, um autor ou um leitor são bons? Como se formula um discurso de avaliação da leitura, seja no contexto escolar, seja em outros contextos? Como se constrói uma situação de avaliação da leitura?

Em um discurso cotidiano de leitor, a avaliação da leitura muitas vezes não vai além de comentários breves do tipo: gostei desse livro ou desse autor, não gostei, é interessante, é chato, bom, ruim, agradável, tedioso, curioso. Trata-se do discurso do leitor na sua relação com o objeto livro e com o sujeito autor. Essa fala coloquial coloca de imediato a situação de avaliação nos seguintes termos: há um texto (e sua autoria) a avaliar- um livro, um poema, uma notícia -, há também um leitor a avaliar - um aluno, um público leitor, um público consumidor; finalmente, há um sujeito que avalia: o professor, o crítico literário, o leitor comum. Erige-se deste modo uma cena discursiva que coloca o sujeito como origem da prática de avaliação e o texto (as sequências, as frases, as expressões) como fonte ou indício das significações a serem avaliadas (provadas, interpretadas, julgadas).

Minha proposta, enquanto analista de discurso, é a de trazer elementos para refletir e trabalhar sobre a *situação de avaliação*, levantando questões para a realização de uma prática de leitura que leve em conta os próprios gestos de avaliação. Ou seja, viso tornar complexa a situação de avaliação a fim de estabelecer pontos de referência, de natureza polêmica, para a formulação de um discurso de leitor. Isso será realizado através da análise de um corpus de comentários sobre a leitura, em que emergem

Vejo os atos de avaliação da (na) leitura como gestos de natureza simbólica que se inscrevem tanto nos sujeitos (enquanto posições discursivas em uma conjuntura sócio-histórica) quanto nos textos (enquanto organizações lingüístico-discursivas). O leitor, ao avaliar, se coloca frente a uma história das leituras constituída historicamente, de modo que sua avaliação passa a fazer sentido sustentando, deslocando ou enfrentando outras leituras em um contexto sócio-histórico. Por outro lado, os textos, em sua forma discursiva, também avaliam o leitor, eles o tocam através do juridismo que permeia nossa cultura letrada, pois a leitura de uma seqüência textual coloca em jogo uma relação entre sujeitos determinados (e incluímos aqui além da posição do autor, as posições sociais em seus diversos modos de representação). Assim, em uma avaliação da leitura pode-se privilegiar ora a relação autor-texto, ora a relação autor-público leitor, a relação público leitor-texto, autor-editor, público leitor-editor, etc.

Para compreender melhor essas diferentes cenas enunciativas, tomemos algumas situações imaginárias de avaliação possíveis:

A situação de avaliação

Quando encaramos uma situação de avaliação da leitura do ponto de vista discursivo, perguntamo-nos sobre as condições imaginárias de produção desse discurso: quem avalia, o que, para quem, em que contexto? Logo deparamo-nos com um conjunto de situações que a rede de sujeitos aí envolvidos, aí representados, configuram diferentes posições quanto à maneira e aos critérios de avaliação. Vejamos algumas representações possíveis:

Quem avalia ?	O que, quem ?	Como?	Contexto
professor	professor	prova	escola
crítico	crítico	debate oral	mídia
texto, autor	texto, autor	relatório	espaço público
aluno	aluno	método	universidade
escola	escola	comentário	família
público leitor	público leitor	pesquisa	urbano/rural

Este quadro, bastante resumido e esquemático, mostra diferentes possibilidades para a configuração de uma situação de avaliação da leitura. Percebe-se que se cruzamos os elementos de cada coluna entre si, obtemos as mais variadas cenas avaliatórias. Algumas dessas situações vemos que ocorrem mais freqüentemente, outras menos;

exemplo, as situações: "o professor avalia o aluno para a escola através de uma prova na escola" ou "o crítico avalia o autor para o público leitor através de comentários na mídia" são representativas de nosso contexto social. Já outras situações, possíveis, são menos exploradas, como: "o professor avalia o professor (ele mesmo ou um outro) através de comentários na escola". Outras, ainda, são pouco prováveis e podem soar estranho ou risíveis: "o aluno avalia o professor através de relatório na mídia". Mas o que interessa no momento é notar que as diferentes configurações estabelecidas, os diferentes gestos de leitura esboçados, correspondem a práticas avaliatórias específicas.

Assim, visto que a situação de avaliação, quando tomada em sua dimensão discursiva, se desdobra em múltiplas relações entre sujeitos, uma avaliação efetivamente realizada produz sentido dentro desse contexto em que se confrontam, se interpenetram, se excluem diversos gestos de avaliação. Há como que uma memória dos modos de julgar a leitura onde o leitor se insere e se atualiza ao enunciar.

Estas observações me levaram a ver a situação de avaliação envolvida em um espaço polêmico de valores de leitura. Assim, os atos avaliatórios ganham sua dimensão específica quando relacionadas à história dos leitores e das práticas de leitura.

Formulação do discurso de avaliação: uma polêmica dos gestos de leitura

A partir de uma análise de discursos sobre a leitura e o leitor em um corpus de natureza variada, realizei alguns recortes que se mostraram produtivos para compreender diferentes posições de avaliação da leitura. A cada passo da análise foram ficando visíveis algumas diferenças nos modos de julgar a leitura, de dar valor às interpretações, de defender, atacar ou criticar as leituras dos outros.

Como resultado dessa análise cheguei à seguinte divisão do corpus, que comentarei a seguir:

1. Críticos

A posição do crítico investe contra a ausência de interpretação. Deixar o texto intocado ou sujeito a interpretações livres, não organizadas, significa perder sentidos considerados pertinentes para a compreensão da obra e do autor. Não proceder a algum tipo de leitura orientada significa se ausentar da prática crítica e deste modo deixar de remeter os textos e os autores a uma história de leitura realizada fora do próprio domínio textual.

Assim, mediando a relação do texto com o público leitor, interferindo nela por meio de métodos explícitos, o crítico fornece critérios avaliatórios a serem introduzidos no circuito de leitura, sobretudo a partir das práticas escolares e da mídia. Com isso a

passível de uma dispersão a ser reordenada em função de uma ordem estabelecida pelas práticas críticas.

O domínio da crítica seria deste modo o lugar dos "juízos motivados" da leitura, em contraposição a juízos não motivados, indefinidos, produzidos por critérios não literários como a "doutrinação consumista", a moda, o senso comum. Por conseguinte, o crítico mexe com a posição do leitor, de forma mais ou menos lúdica, polêmica ou autoritária, (evocando aqui a tipologia de Eni Orlandi), anunciando que os sentidos a ler podem ou devem ser outros.

"Consideramos, ainda, outro aspecto do livro nas sociedades contemporâneas: há, ao lado da literatura *culta*, uma literatura *popular*. E, para essas literaturas, há uma distribuição tendencial dos livros: à primeira se destinam os livros *de fundo*, enquanto para a segunda convergem os livros *de choque*.

No primeiro caso, a circulação do livro depende de um público que tenha consciência de seu gosto, de suas preferências ou orientação. Com efeito, o público culto se caracteriza pela possibilidade de emitir juízos motivados sobre suas leituras. É o público capaz de atos autônomos de leitura.

No segundo caso, a obra percorre um caminho indefinido, preparado em grande parte pela doutrinação consumista, pela moda, cujas leis são regidas em grande parte por fatos não literários: por exemplo, um prêmio de fama internacional, como o NObel, ou a circunstância de o autor ser vitorioso em outra faixa da cultura de massa, como ser cantor, ator, estrela da política, do teatro, da TV, do rádio ou da música popular. Há uma infinidade de motivações conexas que tornam o autor de obra literária repentinamente apetecível para o grande público. O *best-seller* constitui a mais alta expressão do livro *de choque*."

(Fábio Lucas. *Crepúsculo dos símbolos*, Pontes, Campinas, 1989, p. 16)

Autores

Bem outra é a posição dos autores que analisamos. Para estes - os autores - parece que o risco de uma interpretação orientada está sempre a rondar a cena avaliatória impedindo que a leitura do texto pelo público leitor se realize satisfatoriamente. O autor investe contra os comentários críticos, os métodos de leitura, as interpretações fixistas, como se estes colocassem obstáculos para que ele seja e continue a ser um "autor vivo". Como se as leituras de seu texto, asfixiadas pelas vozes dos críticos, não pudessem ser atuais ou se atualizarem a cada vez.

Para esta posição de autor, então, a melhor leitura é a "leitura direta" dos textos, aquela que não sofre mediações de bibliografia crítica, ainda que produza juízos críticos. Um pouco como na expressão "falem bem ou falem mal mas falem de mim" e nesse caso se acrescentaria "falem de mim, de meu texto, e não do que os críticos falam dele".

Há esse autor que se inquieta com os críticos, como nossa análise mostra, mas sabe-se que há também os que se apoiam ou se acomodam nos comentários críticos, e aí estes se tornam grandes aliados, mais valendo a voz do crítico do que a leitura direta dos textos. A posição de autor, instigada pelo crítico, pode levar tanto a uma resposta produtiva como a um silenciamento de satisfação, de indiferença, ou de decepção.

"A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos. Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele. Podemos concluir que:

8. Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe."

(Ítalo Calvino. *Por que ler os clássicos*, Companhia das Letras, São Paulo, 1993, p. 12)

Escola

O contexto escolar se mostra como um campo conflituoso de leitura, em que a cena avaliatória inclui professores, alunos, regimentos escolares, políticas governamentais, metodologias, etc. O leitor é visto aí como um sujeito a transformar durante o processo de escolarização, numa tensão entre o leitor real e o leitor ideal que a escola espera.

Gostaria de comentar aqui algumas diferenças em situações de avaliação que se notam em momentos distintos desse processo, a saber, no 1º grau e no 2º grau. Com relação ao primeiro grau, prevalecem os processos de narração e descrição dos objetos de leitura, enquanto no segundo grau prevalecem as interpretações orientadas por métodos de leitura: literários, lingüísticos, de análise textual e as demonstrações por provas. (ver corpus).

Isso se dá de forma tal que no primeiro grau ocorre em situação de sala de aula uma leitura dos textos sem que se cobre uma adequação a um método ou a uma grade interpretativa fixada. A prática de leitura caminha através de repetições mnemônicas - contar uma história, um enredo, descrever uma cena do livro, ler em voz alta - e de opiniões ou impressões sobre os textos, seja através de fichas de leitura, seja por meio de debates orais.

Por outro lado, no segundo grau a ênfase recai sobre a lógica da escrita, de modo que a discussão sobre as leituras se voltam para a construção de provas escritas, para a adequação aos códices literários, diante das vozes críticas autorizadas.

É de se notar a passagem de uma prática, no primeiro grau, mais lúdica e marcada pela oralidade, em que a voz do aluno emerge mais freqüentemente, para uma situação mais regida pela lógica dos espaços estabilizados, por uma "razão escrita" em que professores e alunos se defrontam com a seriedade das interpretações autorizadas, dos métodos de demonstração e, quem sabe, dos exames vestibulares.

"É que as pessoas completavam um álbum de figurinhas, então eles levavam pra ganhar prêmios, né, e tinha uma fábrica clandestina que falsificava as figurinhas difíceis, então as pessoas iam lá e compravam as figurinhas, daí começou a dar um problema lá, gostei desse livro."

"Tanto Vinícius de Moraes como Cecília Meireles, na segunda fase do Modernismo, têm influência de outras fases, apesar de o Modernismo...os manifestos contra o passadismo, contra as cópias. Influência de Camões, forma do soneto, desprezado na primeira fase do modernismo. Segue o Renascentismo clássico, usa forma fixa, lirismo. E o desconcerto do mundo, é uma pessoa que não se adapta ao meio ambiente.

É importante que vocês estudem Camões para o vestibular."

(Professora de Português em aula de Literatura, 3a. série do 2o. grau, corpus do projeto Perfil do Leitor)

"Eu procuro fazer nas séries iniciais um trabalho de leitura de textos, né, aí envolve a leitura expressiva, levantamento de vocabulário, eu trabalho muito com as idéias principais nas quintas e sextas séries. Em vez de fazer perguntas a respeito do texto, eu prefiro que eles descubram quais são as informações mais importantes que o texto oferece, não é, e, depois disso eles fazem um sinótico do texto e às vezes o resumo. E a partir do texto lido, a gente faz também produção de texto, né, a gente levanta os temas sugeridos pelo texto e eles trabalham com produção de textos, aí é produção individual, de cada aluno. Na leitura extra-classe, que eu considero os livros de literatura, não é, então a gente faz a biblioteca de classe, que eu acho que é o método mais utilizado atualmente, não é, eu trago os livros, porque a gente recebe muito livro de editora e eles também contribuem com os livros que eles têm em casa. A gente faz uma coleção de livros suficientes para o número de alunos de classe mais uma margem pra que haja rodízio, não é, e eles vão lendo durante...na aula uma vez por semana. Esse trabalho eu não faço como avaliação, mas eu cobro no final do bimestre um relatório da leitura, sabe, quantos livros leu, qual é o assunto dos livros, se gostou de ler, se não gostou. E de vez em quando eu faço assim um balanço geral, quais os livros que eles mais gostaram de ler, quais os assuntos que os interessam, que lhes interessa mais. Mas esse tipo de cobrança não é, pra mim não é importante em termos de aproveitamento pedagógico, não é, eu acho que a leitura é muito importante, mas eu procuro fazer com que eles leiam pelo prazer de ler, sabe, a gente não consegue que todos façam isso, né, eu acho que 40% da classe que lê. Depois que você institui a biblioteca de classe, você passa pra 60% que lê. Mas os outros 40 a gente não atinge. às vezes eles lêem forçados durante a classe, porque precisa apresentar o relatório no final do mês, mas a gente percebe que o hábito de leitura não consegue se instalar em determinados alunos. O motivo eu nunca procurei descobrir, né, e às vezes são alunos que têm histórias de leitura na família, né, que a família lê, que a família é de gente instruída, mas não se adapta à leitura. E eu já percebi também que muitos alunos não gostam de ler porque nunca caiu na mão deles um livro adequado, não é, eu já consegui fazer com que um aluno que não goste de ler lesse um livro inteirinho porque de repente você escolhe um assunto que o aluno gosta, não é, entrega o livro na mão dele, aí ele lê. E eu não faço seleção assim de tipo de leitura, sabe. Se o aluno gosta de ler sobre avião, se ele gosta de ler sobre guerra nuclear, sobre a Segunda Guerra, sobre terror, quer dizer, ele pode escolher o tipo de leitura. Se a biblioteca de classe não oferece o assunto, ele pode trazer de casa."

(Professora de Português em entrevista, corpus do projeto Perfil do Leitor)

Mídia

A situação de leitura na mídia, especialmente em nosso corpus, o jornal, coloca em jogo a todo momento o público leitor em uma dimensão ampla. A leitura se torna pública e isso traz consequências importantes para os sujeitos aí envolvidos. De modo que há um trabalho interpretativo considerável na direção do público leitor e as interpretações são sempre suscetíveis de retificação, de atualização, de esclarecimentos. Isso ocorre nos recortes analisados através da indicação pelos leitores de equívocos dos jornalistas, dos articulistas, dos especialistas.

O público leitor é visto como alvo a atingir, leitor privilegiado ao qual o jornal se dirige. Por isso, ele é constantemente avaliado para que se organize a estrutura e o modo

rotatividade dos textos. Mais do que fixar sentidos, acumular textos ou restringi-los a um círculo restrito, trata-se de expor as leituras, substituí-las, investir contra ou a favor delas, prestar esclarecimentos, vulgarizá-las.

"Devo dizer, de início, que não concordo com a avaliação severa e altaneira, talvez arrogante, que Paulo Francis (esse grande especialista, entre mil outros assuntos, da obra de Wittgenstein) fez do livro de José Arthur Giannotti, ensinando-nos finalmente, com a finura de um urso autodidata, que, se para o primeiro Wittgenstein toda "oração" é sistematicamente figurativa, para o segundo, tudo é função do *uso* (waaa!). É bem verdade que um dos aspectos do livro de Giannotti é uma tentativa, muito aparelhada aliás, de afinar nossa compreensão da mudança acima descrita a golpes de machado. Operação tanto mais significativa quanto a discriminação realmente fina que propõe não esquece, antes revela, a continuidade da obra do filósofo vienense, com o progressivo (e fantástico, acrescenta Giannotti) alargamento do conceito de *lógica* e da prática da *análise* como método único da filosofia."

(Resenha de Bento Prado Jr. do livro "Apresentação do Mundo - Considerações sobre o Pensamento de Wittgenstein", de José Arthur Giannotti, *Folha de São Paulo*-Jornal de Resenhas, 03-07-95)

"A matéria da jornalista Cynara Menezes na última página do caderno *São Paulo* da edição de 29/6 sobre a eticidade da cirurgia de mudança de sexo contém um equívoco politicamente grave, que, involuntariamente, distorce minhas declarações. Não informei que a maioria dos CRMs eram favoráveis ao projeto de lei que permite a 'mudança de sexo', mas, sim, que por decisões anteriores os conselheiros do DF seriam favoráveis. O esclarecimento é necessário para que se evitem constrangimentos àqueles órgãos estaduais"